



LUDOTERAPIA COMO AUXÍLIO NO ENFRENTAMENTO DA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

SARAH BRUNA ALMEIDA MARQUES; ANTÔNIO NICOLAS MARQUES DA SILVA; NICOLE SILVA DE MENEZES; RAYLENE BARATA GURJÃO

RESUMO

O trabalho trata-se de um projeto que teve como escopo aplicar a Ludoterapia em crianças hospitalizadas e, com a participação dos pais, realizar uma pesquisa que buscou analisar a experiência da internação e a da intervenção lúdica, planejada e executada pelos autores. Vale destacar que a Ludoterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza do brincar como ferramenta para promover o bem-estar emocional das crianças, ajudando-as a expressarem suas emoções e enfrentar traumas, a qual é comumente implementada em clínicas e hospitais. O lúdico está intrínseco na criança, e por isso, sua retirada pode causar danos ao seu desenvolvimento. Desse modo, a assistência hospitalar não deve ser voltada apenas ao físico, mas também ao psíquico, ou seja, um tratamento multiprofissional, haja vista que os seres humanos são biopsicossociais. Este método, expressa-se de várias formas: brincadeiras, jogos, brinquedo terapêutico, comunicação verbal ou não e entre outros. À vista disso, para a coleta de dados do estudo, o recurso empregado foi uma entrevista com o uso de um questionário qualitativo semiestruturado com os pais ou acompanhantes dos pacientes mirins. Acrescenta-se que, a Ludoterapia permite que a estada da criança internada seja menos dolorosa, identificando seus medos e trabalhando seus sentimentos de uma forma que a induza a exprimir preocupações, compreender situações de estresse e, dessa forma, favorecer a realização do tratamento. Constatou-se que o uso da Ludoterapia é altamente efetivo, uma vez que reduz a ansiedade e o medo pueril, reconectando-os com a infância e o lúdico, perdidos com a hospitalização. Dessa forma, conclui-se que a utilização da Ludoterapia é essencial no contexto hospitalar, beneficiando não apenas as crianças, como também os pais, auxiliando-os no tratamento e durante o processo de internação.

Palavras-chave: Psicologia pueril; Terapia lúdica; Internação pediátrica.

1 INTRODUÇÃO

A Ludoterapia pode ser conceituada como uma abordagem terapêutica voltada ao tratamento psíquico pueril. É necessário salientar que devido à complexidade do universo mirim, o tratamento psicológico deve ser efetuado de maneira diferenciada à aquele aplicado a jovens e adultos, em razão, principalmente, da singularidade infantil e devido à sua falta de maturação cognitiva (Campos; Arruda, 2014). Desse modo, em 1920, a psicanalista Melanie Klein (1882-1960) desenvolveu esse método recreativo para analisar o comportamento infantil. Através da metodologia, é possível identificar e tratar as problemáticas vivenciadas pelo paciente – como traumas e abusos – utilizando recursos lúdicos como: jogos, desenhos, brincadeiras, teatro, fantoches e entre outras técnicas que, em sua maioria, configuram-se como não verbais (Pimenta, 2019). Ademais, esse método não farmacológico é utilizado para o alívio de sentimentos negativos -como estresse e ansiedade, promovendo melhor adesão ao tratamento- dessa forma, torna-se indispensável

no contexto da hospitalização infantil; uma vez que a internação é um processo que desestabiliza o psicológico das crianças, devido à mudança drástica na rotina e à perda do convívio social (Silva, 2018).

É preciso pontuar que esses indivíduos ficam expostos a ambientes e pessoas desconhecidas, assim como procedimentos médicos desconfortáveis, causando sentimentos negativos e danos fisiopsicológicos. Dessa maneira, nota-se como é necessário que intervenções voltadas ao público infantil sejam executadas, com o intuito de promover o bem-estar, a esperança, deixar a criança mais calma, mais alegre e, consequentemente, mais colaborativa com o tratamento. (De Almeida Barbosa; Crahim, 2019). Outrossim, é válido salientar que o direito à brincar está previsto no artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, por conseguinte, mesmo internado e com problemas de saúde, o menor ainda tem direito ao acesso a uma infância digna. É apropriado reforçar que a hospitalização na infância pode se configurar como uma experiência potencialmente traumática. Ela afasta a criança de sua vida cotidiana, do ambiente familiar e promove um confronto com a dor, a limitação física e a passividade, aflorando sentimento de culpa, punição e medo da morte. Nessa perspectiva, o brincar aparece como uma possibilidade de expressão de sentimentos, preferências, receios e hábitos; mediação entre o mundo familiar e situações novas ou ameaçadoras; e elaboração de experiências desconhecidas ou desagradáveis (Mitre, 2000). O brincar passa a ser visto como um espaço terapêutico capaz de promover não só a continuidade do desenvolvimento infantil, como também, um mecanismo de enfrentamento. Ele possibilita ao indivíduo tanto uma continuidade do desenvolvimento infantil como a reintegração do bem-estar físico e emocional, resultando assim em uma internação menos traumatizante, pois além de estabelecer uma interação entre a criança e o profissional da saúde, torna o ambiente no qual o sujeito está inserido mais agradável. Ademais, na vivência da família, a internação hospitalar da criança é um evento potencialmente estressante, pois a insere em um ambiente que frequentemente ameaça seu senso de segurança e competência. Em muitos casos, a experiência desses pais é marcada por medo, apreensão, angústia e sentimentos de inutilidade, impotência, ansiedade ou culpa (Fioreti, *et al.*, 2017). Dessa maneira, a hospitalização de um filho representa um acontecimento crítico e estressante para todo o núcleo familiar, e não só para a criança internada ou para o pai/a mãe que assume seu cuidado no hospital. Esse episódio interfere nas rotinas e no bem-estar, implicando que cada um dos seus membros se ajuste aos diferentes desafios e exigências colocados pelo internamento de um dos seus elementos mais jovens (Quirino; Collet; Neves, 2010). Tendo isso em vista, nota-se como intervenções hospitalares ludoterápicas voltadas às crianças, não só as beneficiam, como também seus acompanhantes. Desse modo, por meio das brincadeiras, o vínculo dos pais para com seus filhos nos hospitais se fortalece, gerando assim, o alívio de sofrimentos e tensões que são gerados pela hospitalização.

Portanto, o projeto teve como objetivo promover o bem-estar psicológico das crianças em tratamento, utilizando a Ludoterapia como uma ferramenta para facilitar a expressão emocional e a superação de traumas, e, a partir disso, identificar e abordar as problemáticas emocionais e comportamentais dos infantes por meio de atividades lúdicas, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor que permita à criança expressar suas emoções e sentimentos, para facilitar a comunicação entre o paciente e o terapeuta, utilizando jogos e brincadeiras como mediadores, com a finalidade de minimizar os efeitos negativos da hospitalização, ao promover a adaptação e a colaboração da criança durante o tratamento.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo faz parte, de forma integrada, do presente projeto intitulado Ludoterapia Como Auxílio No Enfrentamento Da Hospitalização Infantil e, para sua efetuação, foi realizada uma pesquisa de natureza transversal, através do desenvolvimento e aplicação de um questionário qualitativo semiestruturado - com perguntas previamente formuladas - ao qual os pais e responsáveis das crianças em internação pediátrica deveriam participar, caso sua vontade. Dessa forma, com o objetivo de fornecer aos discentes base para a averiguação sobre sua experiência com a hospitalização e sobre a ação realizada – englobando a sua percepção como a de sua criança.

2.1 AMBIENTE E PARTICIPANTES

A ação foi realizada em Santo Antônio do Tauá, município brasileiro do estado do Pará, no Hospital e Maternidade Santo Antônio. Mais especificamente em uma ala, a qual as crianças e seus responsáveis foram reunidos. O projeto teve como participantes as crianças em estado de internação no hospital supracitado – 7 meninos e meninas entre 5 a 10 anos de idade - abrangendo desde casos mais brandos de hospitalização até indivíduos em cuidados paliativos. Ademais, a ação também alcançou os responsáveis pelos pacientes, uma vez que materiais de suporte foram disponibilizados, assim como um diálogo para o auxílio psicológico. Dessa maneira, foram entregues panfletos de apoio, já que, assim como os infantes, a família também está passando por um momento delicado e necessita de assistência. Além disso, é preciso evidenciar que os pais e responsáveis dos menores, aos quais o questionário foi direcionado, possuíam entre 25 a 50 anos, ao todo 7 homens e mulheres, dos quais apenas 4 aceitaram envolver-se na pesquisa.

2.2 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados da pesquisa, os autores (Marques, Da Silva, De Menezes, *et al.*, 2024) desenvolveram um questionário qualitativo semiestruturado, composto por 13 perguntas, que visava averiguar as perspectivas e as experiências dos acompanhantes dos infantes em relação a hospitalização infantil, como também, da prática Ludoterápica efetuada.

2.3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

2.3.1 Execução da intervenção

Ela se iniciou com a introdução do grupo e do projeto aos pacientes e seus responsáveis. Em seguida, houve um diálogo entre os presentes, com uma breve explicação sobre a Ludoterapia e seus benefícios, paralelamente com a entrega do panfleto informativo aos responsáveis, para que, desse modo, todos se sentissem mais familiarizadas e confortáveis com os discentes e a atividade extensionista. Por conseguinte, depois da aproximação inicial, a atividade principal da ação se constituiu em apresentar um teatro de fantoches para os menores, com uma estória lúdica na qual os próprios espectadores poderiam interagir com. Para isso, foi elaborado um teatro, com papelão, e fantoches com E.V.A e recortes de T.N.T - tudo de forma manual pelos acadêmicos- assim como o áudio do conto – roteirizado, editado, e dublado – pelos discentes, o qual foi reproduzido através de uma pequena caixa de som levada por eles. Ademais, também foram entregues coroas, confeccionadas de maneira artesanal, a partir do uso de E.V.A, tesoura e cola. Nesse contexto, elas foram uma representação simbólica de empoderamento, da força e a coragem das crianças em sua bravura e resistência durante o período difícil que é a internação. Adicionalmente, foram oferecidos apetrechos recreativos para os menores, com o objetivo de entretê-los durante e após a finalização do projeto. Nesse caso, foram distribuídos: giz de cera, livros para colorir e atividades

infantis como: jogo dos sete erros, labirintos e montagem de um mosaico com temática natalina – através do uso de E.V.A e cola branca – nos quais, além da assistência dos discentes, os próprios responsáveis participaram. Além disso, também foi ofertado as crianças brinquedos, jogos, livros e outros recursos lúdicos, aos quais foram provenientes de doações arrecadadas pelos universitários.

2.3.2 Aplicação do questionário

Em última instância, o corpo discente também efetuou um diálogo de assistência moral e psicológica com os acompanhantes dos pacientes, seguido da aplicação de uma pesquisa, por meio de um questionário, que visou averiguar como a experiência da hospitalização estava sendo para os pais ou responsáveis, como também, para os menores. Dessa forma, um questionário com perguntas subjetivas foi aplicado com os indivíduos que concordaram – visando sua privacidade e consentimento, com o fim de obter um *feedback* da intervenção realizada, assim como, material para a pesquisa científica posteriormente.

2.3.3 Perguntas do questionário

2.3.3.1 Percepção sobre a hospitalização

Com base nas entrevistas realizadas, os participantes relataram que suas crianças exibiam um semblante de tristeza e angústia, o que se agravou, durante os dias de internação, para outros comportamentos negativos como a falta de apetite, o receio dos profissionais de saúde e o medo dos procedimentos e exames feitos.

2.3.3.2 Opinião sobre o projeto de Ludoterapia realizado com as petizes

Segundo os entrevistados, a ação teve um saúdo positivo em seus filhos, já que eles demonstraram-se mais animados, entretidos e felizes durante a ocorrência das atividades lúdicas propostas. Nesse sentido, é importante mencionar que, de acordo com o depoimento de uma das mães, sua filha “*deu um sorriso dentro de 2 meses*”. Ademais, foi relatado como as crianças estavam empenhadas em participar.

2.3.3.3 Impacto das atividades lúdicas

Ao serem questionados sobre os efeitos do projeto, os indivíduos responderam que os seus filhos, que antes estavam tristes e entediados, ficaram mais alegres, comunicativos e dispostos.

2.3.3.4 Apoio psicológico

Nesse tópico, os participantes eram propostos a relatar se a atividade os trouxe auxílio psíquico. À vista disso, os pais e responsáveis confessaram que a intervenção os proporcionou um sentimento de alívio, principalmente, por causa da mudança no semblante de seus filhos, que demonstraram felicidade e animação ao fazer as dinâmicas desenvolvidas pelos discentes. Segundo eles, as práticas recreativas também os ofereceram um momento de distração do ambiente hospitalar melancólico.

2.3.3.5 Satisfação geral com o projeto

Foi solicitado aos participantes para ranquear a intervenção em sua totalidade em uma escala de 1 a 5, sendo 1 insatisfeito e 5 muito satisfeito. Tendo isso em vista, todos os entrevistados atribuíram nota máxima ao projeto.

2.3.3.6 Expectativas futuras

Nessa questão, foi indagado aos sujeitos se a realização de outro projeto como esse seria benéfico, ao qual todas as respostas foram afirmativas. Outrossim, foi interrogado a eles que tipos de atividades poderiam ser incluídas para aprimorar a intervenção. A partir disso, os entrevistados sugeriram a implementação de ainda mais dinâmicas, as quais poderiam envolver pinturas e a exibição de vídeos educativos. Por fim, também foi requerido a aplicação de práticas com um cunho mais “escolar”, para os pacientes que estão a longos períodos no hospital e longe de instituições de ensino.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nota-se que, a hospitalização é uma experiência estressante para a criança, pois envolve profundas adaptações às mudanças que ocorrem no seu cotidiano. Sabe-se que essa situação traz transtornos que, na infância, tornam-se mais evidentes nas manifestações de insatisfação momentânea ou, através da ansiedade, irritabilidade, apatia, dificuldade de dormir e se alimentar, medos, fobias e etc. (Fioreti, *et al.*, 2017). Dessa maneira, conclui-se que seu estado psíquico agrava sua condição física já debilitada. Desse modo, como foi constatado com o projeto, é possível perceber que ao manipular objetos, conversar e contar histórias, a criança utiliza a comunicação verbal e amplia sua linguagem, podendo compreender melhor o mundo à sua volta, reorganizar seus sentimentos e ter a ansiedade diminuída, o que irá facilitar a aceitação de novas situações e a compreensão do que acontece em um hospital, reduzindo o sofrimento e, resultando em mais cooperação e adesão ao tratamento (Fioreti, *et al.*, 2017). Percebe-se como as atividades lúdicas ajudam a aliviar o estresse, reduzindo a ansiedade e o medo que as crianças sentem no ambiente hospitalar. Portanto, brincar propicia conforto emocional, distraíndo-as de suas condições de saúde e, conseqüentemente, otimizando sua recuperação. Além disso, é importante observar que os pais assumem um papel de particular relevância na hospitalização pediátrica, já que seus sentimentos e suas reações influenciam de modo determinante a adaptação psicossocial do filho internado (Rodrigues, *et al.*, 2020). Logo, a manutenção da saúde mental dos acompanhantes das crianças é indispensável, uma vez que a participação ativa e contínua nesse processo interfere significativamente no tratamento e na recuperação da criança.

Como resultado, após a intervenção, os sentimentos negativos das crianças referentes à hospitalização – como a tristeza e o estresse – abrandaram-se e, desse modo, elas tendem a demonstrar-se mais resilientes em relação à patologia e ao tratamento que enfrentam. Conseqüentemente, supõe-se que os pacientes tornem-se mais proativos ao atendimento médico, uma vez que as experiências emocionais desagradáveis foram atenuadas. Ademais, presume-se que, depois do projeto, os pais mostrem-se mais otimistas em relação ao tratamento dos filhos, já que os panfletos que foram entregues e o diálogo de suporte, ofereceram apoio emocional e estratégias de enfrentamento a eles. Além disso, posteriormente a atividade, os discentes também foram beneficiados, através do ganho de experiência profissional e do desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais – essenciais para a carreira em psicologia. É pertinente declarar que, foi requisitado, pelos próprios participantes da intervenção, a realização de mais ocorrências no futuro, já que que práticas recreativas são fundamentais para a manutenção da saúde psicológica pueril. Em suma, atividades lúdicas - que a priori parecem simplórias - desempenham um papel crucial na melhoria da experiência hospitalar e na recuperação das crianças, tornando o contexto de internação mais acolhedor e humano.

Cópia do panfleto entregue aos pais



Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

4 CONCLUSÃO

Entende-se que a Ludoterapia, no contexto hospitalar, funciona como uma abordagem humanizada centrada na figura infantil. Logo, o brincar surge como uma ferramenta de indispensável utilidade para auxiliar a enfrentar diretamente o ambiente hostil hospitalar e seus aspectos negativos, já supracitados. Outrossim, além das crianças, a Ludoterapia contribui para seus familiares, aos quais também são afetados pela internação. Assim, a inserção desses métodos nas alas pediátricas promove o acolhimento emocional, como também reforçam a importância da união familiar. Desse modo, as práticas estratégicas usadas durante o processo apresentado, mostram-se eficazes na redução do estresse e da ansiedade dos envolvidos. Portanto, constata-se que os resultados foram positivos e que a intervenção cumpriu seus propósitos, amenizando a carga negativa emocional, e assim, ajudando os participantes a enfrentar a internação hospitalar. Entretanto, é notório observar a escassez de atividades lúdicas em ambientes hospitalares, apesar de sua essencial importância. Dessa maneira, futuramente, é necessário que hospitais estejam abertos a tornarem-se facilitadores de intervenções como essa, sejam de cunho acadêmico ou não. Haja vista que tais projetos demonstram suma relevância para a estadia e tratamento de crianças em hospitalização e os seus responsáveis.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Lia Keuchguerian Silveira; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Brincar como meio de comunicação na psicoterapia de crianças com mutismo seletivo. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 15-33, 2014.

DA COSTA ALVES, Diana Kadidja. O USO DA LUDOTERAPIA EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS. DE ALMEIDA BARBOSA, Graziela; CRAHIM, Suely Cristina Fernandes. A importância do Lúdico no Contexto da Hospitalização. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 26-31, 2019.

DE MELLO, Geovania Calixto et al. EXPLORANDO O POTENCIAL TERAPÊUTICO DA LUDOTERAPIA NO CUIDADO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS. **Caderno Impacto em Extensão**, v. 5, n. 2, 2024.

FIORETI, F. C. C. de F.; MANZO, B. F.; REGINO, A. E. F. A Ludoterapia e a criança hospitalizada na perspectiva dos pais. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2017. DOI: 10.35699/reme.v20i1.50000. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/50000>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LINDQUIST, Ivonny. A criança no hospital: terapia pelo brinquedo. In: **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. 1993. p. 141-141.

MITRE, Rosa Maria de Araújo; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, p. 147-154, 2004.

PIMENTA, Tatiana. **Ludoterapia**: a psicoterapia através do brincar. Vittude, 28 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/ludoterapia/#:~:text=na%20psicoterapia%20infantil-,O%20in%C3%ADcio%20da%20ludoterapia,e%20experi%C3%A4ncias%20recalcadas%20das%20crian%C3%A7as>. Acesso em: 6 de setembro de 2024.

PINTO, Maria Benegelanina et al. Atividade lúdica e sua importância na hospitalização infantil: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 13, n. 2, p. 298-312, 2015.

QUIRINO, Daniela Dias; COLLET, Neusa; NEVES, Ana Flávia Gomes de Britto. Hospitalização infantil: concepções da enfermagem acerca da mãe acompanhante. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, p. 300-306, 2010.

RODRIGUES, Joana Isabel Barbosa; FERNANDES, Susana Margarida Gonçalves Caires; MARQUES, Goreti Filipa dos Santos. Preocupações e necessidades dos pais de crianças hospitalizadas. **Saúde e sociedade**, v. 29, p. e190395, 2020.

SILVA, Danielli Oliveira da et al. A importância do lúdico no contexto da hospitalização infantil. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 3484-3491, 2018.

SILVA, Magda Kelanny Costa de Oliveira et al. A utilização do lúdico no cenário da hospitalização pediátrica. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-7], 2019.